MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º andar
1998 nº 177

O NOSSO MEIO AMBIENTE
NOSSA FAUNA

Grande conhecedor da flora e da fauna da região, o índio convivia e dependia dos peixes, dos animais e das aves para se alimentar, para se agasalhar e para se adornar. Os depoimentos de viajantes descrevem os nossos primeiros moradores - os Puris - se enfeitando "com um pedaço de pele de macaco ao redor da testa, ou com colares de grãos negros e duros, no meio dos quais se viam presas de macacos, onças, gatos e outros animais selvagens". Nos cocares e em pulseiras, penas coloridas. A flora se fazia presente na pintura do corpo, da testa e da face com "manchas ou riscos, aplicando uma substância tintorial vermelha extraída da polpa do urucu ou do fruto do genipapo", muitas vezes lembrando o leopardo, através "do corpo todo mosqueado". Na alimentação, a base era a caça e a pesca, o mel, os frutos silvestres. Quando escasseavam esses alimentos, deslocavam-se para locais onde fossem abundantes os "macacos, porcos, veados, pacas, cotias e outras caças".



A primeira classificação que se conhece sobre o reino animal do Vale do Paraíba, está na obra de Spix e Martius, "Viagem ao Brasil", publicada em 3 volumes e realizada **entre 1817 e 1820**.

A parte de zoologia ficou a cargo de Karl Friedrich Philipp Von Spix. Dela resultou a classificação de 3.411 espécies animais; 2.700 insetos; 85 mamíferos; 130 anfíbios; 116 peixes; 80 aracnídeos e 80 crustáceos. Esta pesquisa, que tem como destaque a nossa Mata Atlântica e suas riquezas, é considerada até hoje como a mais importante e completa classificação da fauna e flora do Brasil. Foram descritos também usos e costumes dos habitantes, suas casas, vilas e povoados, descrição de grande valor para o conhecimento da nossa história e cultura.

Não faltaram nem mesmo os registros dos métodos então utilizados para a cura não somente de pessoas como igualmente de animais feridos ou doentes, formando um importante documentário que nos permite acompanhar a permanência ou a alteração das terapias observadas.

Anotaram os dois viajantes, como medicina preventiva de base espiritual, uma oração a São Bento, para afastar o permanente risco das cobras, "grande perigo para os que viajam de noite, sobretudo nessas regiões onde a pequena Jararaca (Bothropus Leucurus Onb.) é muito comum", oração esta ainda em uso no Vale do Paraíba. Spix e Martius puderam ainda observar que muito comum também era o uso da flora e da fauna em receitas da medicina popular. Na cura do bócio endêmico, por exemplo, se utilizava água exposta durante alguns dias sobre massa socada de casas de cupim. O material desses cupins, explicaram, "para cuja construção o inseto se serve de uma substância viscosa própria para cimento, parece ter virtudes curativas sobre o bócio".

Não apenas na medicina entravam nossos animais, mas, principalmente na alimentação. Os mesmos viajantes afirmaram que, em Guaratinguetá, "tivemos que nos contentar, na frugal refeição, com um tatu (Dasypus septemcinctus) que havíamos matado no caminho. A carne deste animal tem, na verdade, sabor agradável, quase como o da carne de galinha, porém é muito gordurosa".

Cem anos antes, em **1717**, o Diário da Jornada de Dom Pedro - Conde de Assumar, pela região, relata que, para a ceia que o Conde fez em Caçapava, foi-lhe oferecido "meio macaco e umas poucas formigas". Informou-lhe o dono do rancho que "o macaco era a caça mais delicada que

havia naqueles matos circunvizinhos e que as formigas eram tão saborosas depois de cozidas que nem a melhor manteiga de Flandes lhe igualava". Também em Caçapava foi registrada no Diário do Conde, a presença de "papagaios, araras, bugios e diferentes castas de animais". Quanto ao costume de se comerem macacos, ainda persiste na Serra do Mar, entre Cunha e Paraty. Para o seu preparo, costumam retirar pés, mãos e cabeça, por serem semelhantes aos do homem.

Quanto às formigas - as içás - nas revoadas de outubro são muito procuradas pelos valeparaibanos, que as saboreiam torradas com farinha de mandioca, ou como aperitivo, junto com uma boa parati.

Foi justamente para oferecer ao Conde de Assumar um cardápio mais variado que a Câmara Municipal de Guaratinguetá ordenou uma pescaria no rio Paraíba. Deste fato resultou o achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição, "Aparecida" nas águas do então piscoso Rio Paraíba.

Em **1981**, foi publicada por Hugo di Domenico, a "Fitonímia e Zoonímia indígenas do município de Taubaté, com aplicações extensivas a regiões adjacentes incluindo algumas espécies aclimatadas e ornamentais" (Taubateana n° 9). Nesta excelente obra, o autor focaliza a nomeclatura indígena específica das espécies particularmente encontradas em nossa região, compreendidas as Serras da Mantiqueira e do Mar e adjacencias. Evidencia na pesquisa "a contribuição vocabular ameríndia, ainda hoje preservada, com termos incorporados à sinonímia clássica e científica e outros nomes apenas conhecidos do nosso homem do campo, dos roceiros, lenhadores e mateiros".

Procurou-se, em **1997**, organizar através do Museu Frei Galvão, um registro de animais, aves, peixes e insetos mais conhecidos e ainda existentes no Vale do Paraíba. Para isso foi feito um questionário, acompanhado de entrevistas com moradores da área rural e urbana, e com antigos caçadores, passarinheiros e pescadores.

Seguem-se as informações colhidas, relativas à fauna atual na região, às quais acrescentaram-se também os animais e aves expostos no Museu Regional da Fauna e da Flora da região valeparaibana, localizado no Parque Nacional de Itatiaia.

ANIMAIS

Anta (em São Luiz do Paraitinga) ***B**icho preguiça ***B**ugio Vermelho e Barbado (em extinção). ***C**apivara ***C**achorro do mato, "mão pelada" ou

guaxinim. Quando tem cauda grande, é conhecido por cachorro "bandeira" *Cambeva *Camundongos *Cangambá, caça cobras, e "seu veneno não lhe faz mal". O cangambá, para se defender, "esguicha" um jato de líquido fétido, que afasta qualquer animal ou pessoa. Localizado principalmente em Cunha. Rouba ovos de aves no alto das árvores. *Coelho *Cotia *Doninha ou Furão (mamífero carnívoro) *Irara (carnívoro) *Preá *Porco do Mato, Cateto ou Caitetu e queixada (maior que o porco) - caça muito apreciada, mas perigosa quando estes animais estão reunidos em vara. *Gato do mato, buritica ou maracajá *Jaguatirica *Gato mourisco ou jaguarundi. É um gato de corpo comprido (de mais ou menos 64 cm de corpo e 34 cm de cauda). *Onça pintada *Sussuarana ou onça parda. Atinge 1,20m de corpo e 65 cm de cauda. Caça à noite, no arvoredo. Não ataca o homem. Gosta de beber o sangue dos animais, principalmente de carneiros, chegando a matar diversos numa só noite *Lobo Guará. *Lebre do mato ou Tapiti *Tamanduá mirim e de colete. *Paca (por toda a região) *Preguiça. Passa a vida sobre as árvores, com preferência pela embaúva, onde se alimenta de seus brotos *Gambá. Tem hábitos noturnos. Comedor de ovos, galinhas e patos. Tem fama de gostar muito de aguardente. Daí o ditado "bêbado como um gambá". É personagem em várias lendas, principalmente indígenas *Lontra. Mora na margem dos rios e riachos, onde pesca e apanha aves aquáticas. Também conhecida por "ariranha". *Veado campeiro ou mateiro. Este vem comer no cocho das vacas. *Quijara *Ratos brancos *Ratões do banhado *Ouriço *Morcegos *Sagui *Mão Pelada *Macacos: Mono carvoeiro - é o maior primata da América. Pesa mais de 30 Kg. É encontrado na Serra da Mantiqueira e na Serra do Mar (divisa com Minas e Itatiaia). Está em extinção. *Macaco prego. *Sauá, saha ou saá (macaquinho). *Sagui (não há ainda estudos específicos sobre eles). *Tatus: canastra (casca branca), itê (casca preta), sapeseiro (não cavoca o chão), rabo mole, mirim. - vivem em grupos e anunciam chuva.

PÁSSAROS E PASSARINHOS

Alma de gato *Andorinha *Anu branco *Anu preto *Araçari-banana *Araçari-poca *Arapaçu *Arapaçu do bico curvo *Araponguinha *Azulão

*Beija-flor *Bem-te-vi da mata *Bem-te-vi rajado *Bentevizinho *Bico de lacre *Bico de pimenta *Bicudo *Bigodinho *Bonito do campo *Borraralha *Brejeiro *Canário *Canário da terra *Canário do reino *Caneleiro *Carcará *Cardeal *Chan-chan *Chico Lere ou sucurie *Chupa-dente *Chupa-ovo *Chupim *Codorna *Coleira do brejo *Coleirinha *Colhereiro (bico de colher) *Corujas *Corujão *Corujinha suindara *Corruíra *Cuindara (coruja de igreja) *Curió *Dormião *Falcão (alimenta-se de pequenos roedores) *Frango d'água *Garça *Garrincha-chorona *Gaturano *Gaviões: asa fina (falcão), caboré, carcará, cauã (este canta bonito), carijó, garrancho, pato (grande), pinhé (pega-pinto), pomba, real *Gralha *Guaxes-saíra *Guaxo *Harpia *Inhambu-guassu *Jaó *Jacu *Jacu guassu *Jacutinga *João bobo *João de barro *João tenenem *Jureiva *Juriti *Juruva *Lecres *Maitaca *Macuco *Macuquinho *Maria preta *Marreca *Marrecas-irerê *Marrecão *Martim pescador *Mebio *Melro *Mergulhão caçador *Mocho *Mocho orelhudo *Murucututú *Nambu açu *Nambu chitã *Nambu chororó *Papa formiga *Papagaio comum *Papagaio de peito roxo *Perdiz *Periquito *Periquito rei *Periquito verde *Picapau anão *Picapau do mato virgem *Picapau chan chan (pequeno) *Pintassilgo *Pinto d'água *Pixorolê *Pixoxó *Polícia inglesa *Pomba asa branca *Pomba amargosa *Pomba espelho *Pomba legítima *Pomba rola *Pomba uru *Quero-quero *Rendeira *Rolinha *Sabiá do campo *Sabiá cica (da família dos papagaios) *Sabiá laranjeira *Sabiá laranjeira (peito vermelho) *Sabiá pardo *Sabiá poca *Sabiá una (preto do bico vermelho) *Saci ou sem-fim *Saha *Saíra comum *Saíra militar *Saíra ou sete cores *Sanacocó *Sangue de boi *Sanhaço *Sanhaço do campo *Sanhaço frade *Saracura *Saudade (preta e parda) *Siriema *Siriri ou seriri *Socó (pernalta pequena) *Sorocuá de barriga laranja *Sorocuá de barriga vermelha *Tangará *Tangarazinho *Tesoura *Tesourinha do brejo *Tico-tico *Tico-tico guloso *Tiê da mata *Tiê sangue *Tiê tinga *Tiziu *Tovaca *Tovacussu *Três potes *Trovoada *Tucano do bico roxo *Tucano do bico verde *Uru ou capoeira *Urubu ou corvo *Urutau *Vira *Viuvinha.

Tendo em vista a preservação das aves no Vale do Paraíba, em 1997, a CESP (Companhia Energética de São Paulo) soltou em Paraibuna a milésima ave nativa da Mata Atlântica, criada em cativeiro na região. Na oportunidade foram soltas 16 aves de oito espécies, como macuco, jacuguaçu e nambu-xororó. É este um dos únicos trabalhos de reintrodução de aves nativas da Mata Atlântica, sendo que a maior parte das 300 espécies de animais em extinção é de aves e de peixes, devido principalmente à ação predatória dos caçadores e pescadores.

INSETOS

Abelhas: de mel, abelha cachorro, abelha jati, arapuã *Barata (ou Arabé - há mais de 100 espécies indígenas) *Besouros *Bicho-pau *Borboletas *Carrapato *Cigarra *Cupim de madeira, de papel e de terra *Formigas: saúva, ruiva, pretinha, miudinha, gambá ou troquês, quem-quem, sarará, do pau (transparente) e preta (o cheiro desta formiga é usado na cura da dor de cabeça). *Gafanhoto *Grilo *Lacraia *Libelula *Louva-deus *Mamangava *Mané-magro *Mariposa (bruxa) *Mosca e mosquito *Percevejo *Piolho de galinha e de cabelo *Pita (libélula) *Pulga *Saliluia *Taturana *Traça *Tunga (bicho-do-pé ou bicho de porco) *Vagalume ou Pirilampo *Vespa (marimbondo).

ARACNÍDIOS E MIRIÁPODES

Aranhas: caranguejeira, viuvinha, tarantula *Centopéia *Escorpião *Lacraia.

RÉPTEIS, ANFÍBIOS E MOLUSCOS

*Aruá (caramujo) *Caissaca *Camaleão *Caninana *Caracol *Cobras: cascavel. (Acredita-se que na região valeparaibana a **cascavel** só aparece na margem direita do rio Paraíba), cobra-cipó, cobra d'água, cobra de asa, de vidro, cotiara, coral, duas cabeças, jararacussú, jararaca, jibóia, urutu, etc. *Jacaré *Jia *Lagartixa *Lagarto verde e amarelo (carne comível) *Lagarto preto e amarelo (não se come) *Lagarto Teju *Lesma *Muçurana *Nimbuia *Perereca *Quebra-quebra *Rãs: nimbóia, jitã, *Sapos: cururú, dourado, ferreiro, intanha.

PEIXES

O rio Paraíba, nos séculos passados, era considerado como muito rico em "pescado grande e pequeno". Hoje a pesca está quase extinta. Motivos: na década de 1940 foram colocadas novas espécies no rio, como o dourado, o corimbatá e o mandiguaçu, que se tornaram predadores das espécies nativas como o surubi, a traira, o bagre, a piabanha, a piririca, a pirambóia, o lambari, etc. Inúmeros outros agentes contribuiram para a extinção dos peixes: a destruição das áreas de reprodução, a drenagem das várzeas entre Guararema e Cachoeira Paulista, a redução da vegetação ciliar, os polders, a retificação do rio Paraíba, as hidroelétricas (Resende, Queluz, Paraibuna), a poluição industrial e doméstica, a construção das barragens do Funil, Santa Branca e Paraibuna - verdadeiras barreiras que impedem a migração e reprodução de várias espécies e a pesca predatória.

No Vale do Paraíba, o termo Piraquara ou piraguara é usado como sinônimo de "pescador", ou seja "o comedor de peixe" (pira - peixe; guara ou quara - comedor).

Pesquisas com piraquaras das margens do rio Paraíba informam nomes de peixes que ainda estão em sua memória e de peixes que ainda podem ser encontrados no Paraíba e seus afluentes: ***A**cará ***A**racá ***A**nduiá ***B**agre ***C**amarão branco ***C**orimba ***C**orimbatá ***D**ourado ***G**uarú ***L**ambari ou ciquira ***M**andí chorão ***M**andiguaçu ***N**hancundá ***P**açuguaçu ***P**apitinga ou Pirapitinga ***P**iaba ***P**iaba de boca redonda ***P**iabanha ***P**iabinha ***P**iapara ***P**iau ***P**iracanjuba ***P**iririca ***R**abo vermelho ***S**aguiru, que vive do lodo ***S**urubim ***T**raira ***T**imburê (em extinção).

Confirmando as informações dos pescadores, o Jornal do Comitê das Bacias Hidrográficas, "Rio Paraíba do Sul & Serra da Mantiqueira", de julho e agosto de 1997 registrou que o Rio Paraíba já abrigou 72 espécies de peixes e que hoje restam apenas algumas variedades de pouco valor comercial. Em sua seção "Poluição", relata o seguinte: "No curso médio superior do Rio Paraíba as seguintes espécies estão desaparecidas, em consequência da grande carga poluidora que recebe: Dourado, Piabanha, Piaba, Timburé, Traíra, Piapara ou Pirapara, Surubim, Jacundá. Restam apenas os Lambaris que desovam e procriam nos ribeirões afluentes, os Saguirus, Chorões e Curimbatás, que são peixes de pouco valor comercial. Os peixes de maior valor comercial já desapareceram e com eles os

"piraquaras" profissionais e também os amadores, que nas suas horas de folga povoavam as margens do Paraíba".

Para citar um exemplo, a Colonia Z-11 "Emílio Varoli", congregava na década de 1950, entre profissionais e amadores, mais de 700 pescadores. É o que narra Alexandre Hilsdorf em "Era uma vez um peixe chamado Piabanha", (Valeparaibano - 5/04/1998), crônica em que registra que, nessa época, o rio Paraíba e seus afluentes mantinham uma pesca expressiva, que fazia da região um dos pólos mais importantes de pesca no interior do Estado de São Paulo.

Tentando reverter esta situação a CESP lançou em águas valeparaibanas dez mil filhotes das espécies pirapitinga-do-sul e piabanha, conhecida como a truta brasileira no rio Paraíba do Sul.

Nos 30 anos de atuação da empresa, foram soltos mais de 160 milhões de alevinos de peixes nativos como pacuguaçu, piapara, piracanjuba, dourado e corimbatá.

Para participar desse programa de repovoamento de aves e peixes do Vale do Paraíba, a CESP de Paraibuna recebe cerca de 80 alunos diariamente, para aulas de educação ambiental, ensinando ainda a preservar e valorizar a fauna, a flora e a boa qualidade de vida na região. Atestando a antiga fertilidade da região, uma pesquisa que está sendo realizada na Fazenda São Sebastião do Rio Grande, em Pindamonhangaba registrou e catalogou, em sua Reserva Florestal, pelo menos 26 tipos de peixes, sendo que "um gênero e quatro espécies, pertencentes à família dos Cascudos, nunca foram descritos pela ciência".

THEREZA REGINA DE CAMARGO MAIA

GUARATINGUETÁ, 5 DE JUNHO DE 1998
DIA MUNDIAL DA ECOLOGIA E DO MEIO AMBIENTE

NOTAS - Esta monografia complementa a de nº 176 - "Nosso Meio Ambiente - Nossa Flora".

FONTES DE CONSULTA - Arquivo Memória de Guaratinguetá, do Museu Frei Galvão. - Arquivo e Biblioteca do Instituto de Estudos Valeparaibanos. - Entrevistas com moradores da área rural, mateiros, caçadores, pescadores, passarinheiros, etc, do Vale do Paraíba.